



Denise Mattar é curadora de artes plásticas. Foi diretora das seguintes instituições: Museu da Casa Brasileira – São Paulo, (1985-1987), Museu de Arte Moderna de São Paulo (1987-1989), Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1990-1997). Como curadora independente realizou diversas exposições, entre elas: Di Cavalcanti (1997), Flávio de Carvalho (1999- Premio APCA), Ismael Nery (2000 Premio APCA e ABCA), Pancetti (2000), Anita Malfatti (2001), Samson Flexor (2003 Premio APCA), Mostras temáticas: Traço, Humor e Cia (2002), O Olhar Modernista de JK (2004/6), O Preço da Sedução (2004), O' Brasil (2005), "Homo Ludens" (2006). Morrinho na 52ª Bienal de Veneza (2007), Maria Tomaselli (2009). Brasília-Síntese das Artes, Oca-Maloca de Maria Tomaselli, Memórias Reveladas e Tékhné (2010). Pierre Cardin (2011) Aluísio Carvão, Dacosta, Mário de Andrade, Projeto Sombras, Do Art-Nouveau ao Art-Déco (2012), Hildebrando de Castro. Aluísio Carvão, Mário de Andrade, Projeto Sombras, Do Art-Nouveau ao Art-Déco (2012), Hildebrando de Castro, Norberto Nicola, Clementina Duarte, Bonadei (2013) No Balanço da Rede, Duplo Olhar, Aldo Bonadei, Alfredo Volpi, Maria Tomaselli, Di Cavalcanti – De Flores e Amores, Guignard- Sonhos e Sussurros (2014).



Pascoal da Conceição é um ator, dublador, produtor teatral e diretor brasileiro. Seus papéis mais conhecidos são o de Dr. Abobrinha na série infantil "Castelo Rá-Tim-Bum"; e o de Mário de Andrade na minissérie "Um Só Coração". Este último papel foi revivido em uma participação especial na minissérie JK.



Maria Bonomi é gravadora, escultora, pintora, muralista, curadora, figurinista, cenógrafa, professora. Estuda pintura e desenho com Yolanda Mohalyi (1909-1978), em 1951, e com Karl Plattner (1919-1989), em 1953. No ano seguinte, inicia-se em gravura com Lívio Abramo (1903-1992).

Realiza a sua primeira individual em São Paulo, em 1956.

Nesse ano, recebe bolsa de estudos da Ingram-Merrill Foundation e estuda no Pratt Institute Graphics Center, em Nova York, com o pintor Seong Moy (1921). Em paralelo, cursa gravura com Hans Müller e teoria da arte com Meyer Schapiro (1904-1996), na Columbia University, também em Nova York. De volta ao Brasil, frequenta a Oficina de Gravura em Metal com Johnny Friedlaender (1912-1992), no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ, em 1959. No ano seguinte, em São Paulo, funda o Estúdio Gravura, com Lívio Abramo, de quem é assistente até 1964. A partir dos anos 1970, passa a dedicar-se também à escultura. Produz painéis de grandes proporções para espaços públicos. Em 1999, defende a tese de doutorado intitulada Arte Pública. Sistema Expressivo/Anterioridade, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP.



Marcelo Marques, também conhecido como Audino Vilão, é estudante de História e possui um canal no YouTube chamado Audino Vilão. Em seus vídeos procura decodificar conteúdos da área de filosofia, tornando-os mais acessíveis. Sucesso na plataforma, o canal tem hoje 119 mil inscritos, sendo alguns de seus vídeos alcançaram mais de

50 mil visualizações.



Allan da Rosa cursou graduação em História na USP e atua como professor de História da África e do Brasil, além de arte educador em EJA – Educação de Jovens e Adultos.

Homem de muitos talentos, trabalha como locutor e rádio documentarista e participa de grupos de dança e capoeira, expressão corporal e musical. Integrou o Teatro Popular

Solano Trindade, em Embu das Artes, o Grupo Cupuaçu – Danças e Tradições Afro-maranhenses e o Grupo de Dança Afro-contemporânea Aluvayê. Na USP, participou do projeto educom.rádio, da Escola de Comunicações e Artes – ECA, e também, do Núcleo de Consciência Negra.

Como agitador cultural, participa de inúmeras atividades de promoção da leitura e da literatura entre jovens e adultos, com ênfase nas comunidades da periferia paulistana.

Em 2002, integrou a coordenação da “Semana de Arte e Cultura do Galpão, Jardim João XXIII”; em 2005, participou da organização do Primeiro Encontro de Escritores da Periferia, na Favela do Jardim Colombo e na Ação Educativa/SP; em 2006, organizou o Núcleo de Literatura Periférica do Centro de Juventude e Educação Continuada. Foi também curador da exposição fotográfica “COOPERIFA – a Poesia é nossa cara”, junto ao projeto Ação Educativa; e coordenador do curso “Áfricas”, realizado no Espaço Senzalinha, no Parque Pirajussara.

No campo da produção literária, criou o selo “Edições Toró”, de perfil alternativo, com publicações marcadas por um trabalho artesanal e pela presença de autores jovens, vindos da periferia paulistana, e sem espaço no mercado editorial. Como escritor, incorpora em sua linguagem a tradição da cultura negra e experimenta diversas formas literárias como a prosa, a poesia e o texto dramático. É autor do livro de poemas Vão, de 2005, da peça teatral Da Cabula, lançada em 2006 e vencedora do Prêmio Ruth de Souza, e do volume Morada, lançado em 2007, em que articula um diálogo entre poesia e fotografia.



Naine Terena é doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e mestre em artes pela UnB e docente na Faculdade Católica de Mato Grosso. Integra a Rede Multimundos de pesquisas da UFMT, onde coordena o projeto de pesquisa 'Lab Gentes' com enfoque em arte, educação, movimentos sociais e

tecnologias. Foi curadora da primeira mostra de arte indígena da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Véxoa: Nós sabemos, e uma das curadoras do festival de arte indígena. Em 2020 trabalhou para a articulação da divulgação do filme A Febre, de Maya Da-Rin, e participou no debate Deslocamentos e Conexão Entre Mundos para a Folha de São Paulo. Também participou de mesas redondas ao lado de outras personalidades indígenas como Ailton Krenak e Laymert Garcia. Em 2021 foi membro do Comitê de Indicação do prêmio PIPA e do júri da 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo.



Tarsilinha do Amaral

Ela tem 56 anos e é conhecida como Tarsilinha. Trata-se da sobrinha-neta homônima da artista, responsável, há 20 anos, por gerir os direitos da obra da modernista brasileira. E cuidar do legado. De lá para cá, ela coordenou os trabalhos para a publicação do catálogo raisonné de Tarsila

e esteve à frente de tratativas para promover o nome de sua tia-avó, não só no Brasil, mas também no exterior.



Vita Pereira, nasceu em Minas Gerais, formada em Edificações, Pedagogia, Cinema e Teatro. Multiartista do Ekê. Atualmente integrante da dupla “Irmãs de Pau” y Gestora Cultural de Araraquara.



Vanessa Ferreira, de 34 anos, é publicitária e há dois anos criou a página @pretailustra, que conta com 11 mil seguidores. Além de uma linha própria de produtos, trabalha para marcas e promove oficinas de desenhos afrofuturistas para descolonizar o olhar sobre a arte, tendo o corpo negro como agente produtor do próprio caminho, tendo a mulher negra no protagonismo dessas narrativas. “Na minha arte falo sobre ausências. Vivi em espaços ausentes de pessoas que se assemelhassem comigo, ou que viesse do mesmo lugar. Busco sintonizar na minha arte histórias e estéticas comuns às mulheres negras. Meu trabalho fala sobre “existir”, sobre “ser” para além das dores que nos atravessam. Falo sobre possibilidades, sobre força e dor. Sobre ausência e amor. ”



Hugo Possolo cursou comunicação social pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero e história na Universidade de São Paulo, ao mesmo tempo que aprendia técnicas circenses no Circo-Escola Picadeiro. Estreou-se no teatro em 1984, na peça “Quando Tenho Razão Não É Culpa Minha”, dirigido por Arthur Leopoldo e Silva.

Foi um dos fundadores do grupo Parlapatões de comédia, que utiliza técnicas circenses e de teatro de rua. Membro fundador da Adaap que administra o projeto da SP Escola de Teatro Centro de Formação das Artes do Palco e Diretor Artístico do Theatro Municipal de São Paulo.

Entre seus principais trabalhos merecem destaque: “Sardanapalo”, premiado pela Jornada SESC de Teatro em 1993; “Zérò”, Prêmio Estímulo em 1994; “U Fabuliô”, representante oficial do Brasil, na Expo 1998, em Lisboa; “Não Escrevi Isto”, Prêmio Estímulo e Prêmio Shell de melhor cenografia, em 1998; “Farsa Quixotesca”, com o grupo Pia Fraus, Prêmio Panamco nas categorias autor e melhor espetáculo e APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) de melhor espetáculo, em 1999; “Pantagruel”, Prêmio Estímulo em 2001.

Em 1998, recebeu o grande Prêmio da Crítica APCA pela realização do evento “Vamos Comer o Piolin”. Dedicado à pesquisa das Artes Circenses, foi curador do I Festival Internacional de Circo realizado em Belo Horizonte. De maio de 2004 a maio de 2005, foi Coordenador Nacional de Circo da Funarte, Ministério da Cultura.